

# Cartografias do Jardim de Alah: análise multiescalar da paisagem no entorno da Praça da Grécia, Leblon - RJ

*Cartographies of the Jardim de Alah: Multiscale analysis and cartographies of the Landscape surrounding Praça da Grécia, Leblon-RJ*

**Domitila Gomes Almenteiro**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil

**Lucas Yudi Moriya Sampaio**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil

**Lorena Maia Resende**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil



## RESUMO

**Objetivo da Investigação:** O presente artigo aborda a análise da paisagem utilizando diferentes representações cartográficas, buscando compreender os conflitos e as diferentes ambiências no recorte espacial definido pelo Canal do Jardim de Alah, no bairro Leblon, da cidade do Rio de Janeiro. Ancorado em três conceitos-chave: o rio, a fronteira e o som, o objetivo da pesquisa foi cartografar as diferentes escalas da paisagem urbana desse recorte territorial, focado nas relações estabelecidas nos espaços livres públicos, a partir da composição metodológica da cartografia da paisagem.

**Metodologia:** A metodologia consiste na estratégia combinada da difusão de três métodos: (a) Compartimentação da paisagem; (b) Cartografia urbana e (c) Visão-escuta serial.

**Resultados:** Como resultado foram produzidos mapas das unidades de paisagem, perfis comentados e um mapa cartográfico sensível das percepções em campo, possibilitando o entendimento sobre as zonas de amortecimento, espaços de diferenciação, as disputas e os conflitos que compõem as camadas do território.

**Originalidade/Valor:** Esta escrita contribui tanto para futuras proposições/intervenções de planejamento urbano, como para avanços no campo metodológico, repensando outras formas de apreensão e representação das realidades urbanas contemporâneas

**Palavras-chave:** Paisagem; Cartografia urbana; Fronteira; Paisagem sonora; Corpo hídrico.

## ABSTRACT

**Research Purpose:** The present article addresses landscape analysis using different cartographic representations, in order to comprehend the conflicts and the different ambiances in the area defined by the Jardim de Alah Channel in the Leblon neighborhood in Rio de Janeiro, Brazil. Supported by three key-concepts: the river, the border and the sound, the research objective was to map different scales of the urban landscape inside the referred territory through the methodological composition of landscape cartography, focusing on the relationships established in the public open spaces.

**Methodology:** The methodology consists in the combined strategy of three different methods: (a) Landscape Compartmentalisation; (b) Urban cartography and (c) Serial Vision-Listening.

**Findings:** In terms of results, maps of the defined landscape units, commented landscape profiles and a sensible cartography of the perceptions obtained during fieldwork were produced, enabling an understanding of buffering zones, spaces of differentiation, conflicts and disputes that compose layers of the territory.

**Originality/Value:** This work contributes not only to future propositions/interventions of urban planning, but also to advances in the methodological field, rethinking the forms of apprehension and representation from contemporary urban realities.

**Keywords:** Landscape; Urban cartography; Border; Soundscape; Water body.

## 1. Introdução

A paisagem urbana, dada a sua complexa composição por elementos morfológicos (Lamas, 1993) e elementos simbólicos - frutos de manifestações socioculturais (Ribeiro, 2007), pode ser investigada em camadas por meio da análise e costura das diferentes fontes e documentos. Através da combinação destes é possível compreender, ao menos em parte, os principais elementos estruturantes da paisagem, estabelecendo relações entre os atores e os agentes urbanos que o ocupam e suas implicações nas dinâmicas e usos dos espaços.

Por outro lado, reconhecem-se as limitações do próprio pesquisador ao analisar esta rede complexa de elementos da paisagem, pois como afirma a abordagem experiencial: “o observador não pode pretender ter acesso a uma realidade independente dele próprio” (Rheingantz et al., 2009, p. 104). Desta forma, ao se analisar a paisagem urbana, deve-se reconhecer a realidade como argumento explicativo, admitindo a importância da experiência do observador frente a aspectos operacionais e instrumentais tradicionais. O reconhecimento destas limitações e a priorização da experiência na investigação da paisagem trazem implicações imediatas neste texto, que se manifesta em trechos de análise com relatos em primeira pessoa.

O pesquisador John Law (2004) também questiona os métodos tradicionais, mesmo reconhecendo a sua importância, e descreve sua preocupação quanto às lacunas nas ciências sociais referentes aos métodos de análise. Segundo este autor, os limites e regras metodológicas podem ocasionar, ainda que de forma contra intuitiva: (a) a produção da realidade que os pesquisadores entendem e não apenas a sua descrição; e, (b) a naturalização dos procedimentos e técnicas que são tidos como necessários para qualquer pesquisa que lide com a realidade.

A proposta e saída para esta questão, ainda segundo Law (2004), é a subversão dos métodos tradicionais para a invenção de outros métodos que fujam da moralidade e da neutralidade, que se situem localmente e politicamente e que respondam criativamente a um mundo complexo. No entanto, para isso, ele alerta que é preciso se desprender do desejo das certezas e das expectativas de conclusões estáveis, generalistas e seguras. Se o objeto de estudo está inserido em um contexto efêmero seria ingenuidade buscar respostas precisas, embora muitas vezes a academia exija uma resposta em um prazo determinado.

É importante enfatizar que esta escrita coletiva foi realizada por três autores com distintos focos e experiências de pesquisa e, que devido ao período pandêmico do enfrentamento a COVID-19, as discussões em grupo aconteceram virtualmente e as possibilidades de investigação em campo encontravam-se restritas. Tal fato justifica certa limitação do acervo dos materiais consultados, assim como o não aprofundamento de questões que exigiam mais tempo de imersão no território de análise. Além disto, é importante ressaltar que as discussões sobre o território se limitam ao período investigado, em 2021, e não seguiram *a posteriori*, visto que o recorte aqui discutido surge do encontro pontual dos autores e não de suas pesquisas individuais.

É neste cenário de adversidade, com essas lacunas de pesquisa que surge o presente trabalho, com o propósito de construir uma metodologia para a análise da paisagem, que lide com as limitações supracitadas e ofereça um

denominador comum multidisciplinar para contemplar as pesquisas e o interesse de cada autor. Desta forma, foram elencados três temas-chaves, íntimos de seus autores, para direcionar o foco da análise e a escolha do recorte espacial: as águas, a fronteira e o som – tornando-se os pilares que sustentam a estrutura da metodologia. Neste sentido, é proposta uma abordagem em duas escalas: na micro, correspondente à aplicação do método de análise em recortes em que os temas abordados sejam relevantes; e na macro, que tange o desenvolvimento de metodologias para análise da paisagem através de estratégias combinadas de pesquisa (Groat & Wang, 2002), servindo possivelmente de inspiração para novas propostas metodológicas multidisciplinares.

O fio que costura as diferentes visões e métodos empregados na construção metodológica é a produção de representações cartográficas para a análise da paisagem, buscando compreender os conflitos e as diferentes atmosferas (Lamounier et al., 2019) no recorte territorial. Como o enfoque deste trabalho é a construção metodológica, a necessidade de sua validação é o fator determinante na escolha do recorte territorial de aplicação. A escolha pela cidade do Rio de Janeiro se justifica pela ligação dos autores propiciada pela UFRJ, sendo que cada autor tem uma relação de proximidade e distanciamento singular com o território: uma autora é natural da cidade, um autor é residente, mas não natural e outra autora é não natural e não residente. Baseado nos três pilares estruturantes, definiram-se os arredores do Canal do Jardim de Alah — corpo hídrico com função de fronteira entre os bairros de Ipanema e Leblon — como estudo de caso para aplicação metodológica.

Portanto, a partir do desafio metodológico atado pelos três temas, o objetivo da pesquisa é cartografar as fronteiras criadas pelas transformações das águas e identificadas, hoje, pelas representações sonoras, no recorte territorial do Canal do Jardim de Alah, na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Por sua vez, o método da cartografia da paisagem, a partir do diálogo de distintos documentos e fontes bem como da investigação de campo, se propõe a compreender os possíveis conflitos sociais, ambientais, urbanos, econômicos e culturais existentes nesse recorte territorial.

O objetivo está focado nas relações estabelecidas nos espaços livres públicos, a fim de contribuir tanto para futuras proposições/intervenções de planejamento urbano no território, como para avanços no campo metodológico, repensando outras formas de apreensão e representação das realidades urbanas contemporâneas. Desta forma, o artigo estrutura-se na seguinte disposição: construção metodológica entrelaçando os três temas; breve introdução dos marcos históricos da paisagem; aplicação metodológica com análise dos resultados; e, por fim, as percepções obtidas do recorte.

## 2. Metodologia

A metodologia desenvolvida para este artigo, de caráter descritivo e investigativo, se propõe a imergir<sup>1</sup> dentro do território de estudo para descortinar as camadas que o compõem e se aproximar das dinâmicas urbanas e sociais imbricadas. Como dito, a metodologia tem grande peso nesta escrita, uma vez que estrutura e direciona todo o enredo de análise, desde a leitura de elementos físicos e morfológicos da paisagem até à apreensão de sensações e afetos que reverberam nesta territorialidade. Logo, insere-se em um campo ampliado de estudos que reconhece a

---

<sup>1</sup> Imersão tanto corporal, durante a pesquisa de campo, quanto imersão virtual, na manipulação dos documentos digitais.

cidade como uma construção simultaneamente material, simbólica e sensível. Essa abordagem dialoga diretamente com investigações clássicas sobre percepção urbana, em especial aquelas desenvolvidas por Yi-Fu Tuan e Kevin Lynch, que deslocaram a análise do espaço urbano de uma leitura estritamente objetiva para uma compreensão ancorada na experiência vivida, na memória e nos sentidos. Ao reconhecer o papel ativo do sujeito na produção de significado da cidade, tais autores abriram caminho para interpretações pós-modernas da realidade urbana, fundamentais para sustentar metodologias que acompanham processos, afetos e múltiplas camadas de leitura da paisagem.

As contribuições de Yi-Fu Tuan (1983) são centrais para compreender a paisagem urbana enquanto experiência fenomenológica. Para o autor, o espaço se transforma em lugar à medida que é vivido, apropriado e carregado de significados afetivos. Essa distinção permite compreender a cidade não apenas como um arranjo físico de formas e funções, mas como um campo de experiências sensoriais, emocionais e simbólicas. Ao valorizar a percepção, a memória e o vínculo afetivo com o ambiente, Tuan (1983) legitima a subjetividade como dimensão constitutiva da análise espacial, contribuindo para abordagens que reconhecem a pluralidade de leituras e vivências urbanas.

De modo complementar, Kevin Lynch (1964) propõe uma inflexão metodológica ao demonstrar que a apreensão da cidade se dá por meio de imagens mentais construídas pelos indivíduos em sua relação cotidiana com o espaço urbano. Elementos como caminhos, bordas, marcos, distritos e nós estruturam a legibilidade da cidade e influenciam diretamente os modos de orientação, apropriação e identificação dos sujeitos com o seu ambiente. Ao incorporar a percepção do observador como componente fundamental do conhecimento urbano, Lynch (1964) rompe com modelos normativos e totalizantes, contribuindo para leituras abertas e múltiplas da cidade, em consonância com abordagens contemporâneas e pós-modernas da paisagem urbana.

A utilização metodológica das estratégias combinadas (Groat & Wang, 2002) define uma abordagem mais integrativa de pesquisa na incorporação de diferentes procedimentos. Esta pesquisa aproxima-se do modelo "metodologia mista" (Groat & Wang, 2002, p. 443, tradução nossa), entendendo que este busca a extração das potencialidades de cada procedimento com a incorporação de ferramentas complementares. Sendo assim, a estratégia combinada elaborada consiste na aplicação associada de três métodos: Compartimentação da Paisagem (Brasil/MMA, 2002; Silva, Manetti & Tângari, 2013); Cartografia Urbana (Deleuze & Guatarri, 1995; Passos et al., 2014); e Visão-Escuta Serial, uma combinação do método da visão serial para análise da paisagem urbana (Cullen, 1961) e do método de passeio sonoro (Westerkamp, 1974; Schafer, 1993; Raddichi, 2017). Reitera-se que a escolha de cada um está vinculada a um dos temas-chave propostos, respectivamente: as águas, a fronteira e o som.

## **2.1. Compartimentação da Paisagem: As águas e o canal**

O método da Compartimentação da Paisagem tem fundamentação teórica e prática na aplicabilidade do Projeto Orla (Brasil/MMA, 2002) e nos trabalhos de pesquisa da rede QUAPÁ-SEL (Macedo, 1999; Silva, Manetti & Tângari, 2013). Partindo do pressuposto de que a paisagem não é estática ou capturada somente por um ponto de vista, e, além disso, de que é constituída por uma estrutura morfológica complexa, demanda algumas estratégias necessárias para sua apreensão. Um dos procedimentos consiste na divisão e subdivisão em unidades diversas,

propiciando o aprofundamento da análise em múltiplas escalas. O termo Unidade de Paisagem (UP) já expressa em seu nome o entendimento de agrupamento por alguns aspectos em comum, no caso, determinando um recorte territorial que apresenta homogeneidade em sua configuração. A UP é “caracterizada pela disposição e dimensão similares dos quatro elementos definidores da paisagem: suporte físico, estrutura/padrão de drenagem, cobertura vegetal e mancha urbana” (Brasil/MMA, 2002, p. 36).

A setorização da paisagem possibilita uma descrição mais detalhada quanto aos produtos e agentes de cada porção territorial, no entanto é essencial que esta divisão esteja ancorada em uma análise multiescalar e tenha um foco específico. Nesta pesquisa, o elemento estruturador das Unidades de Paisagem está ligado ao curso hídrico, o canal do jardim de Alah que conecta a Lagoa Rodrigo de Freitas ao mar.

Essa metodologia de análise fornece um diagnóstico paisagístico que utiliza tanto o recurso da escrita (descritivo), como também da representação gráfica (expresso em desenhos de planta baixa e perfis). A leitura e a produção deste material versa sobre a caracterização física e morfológica do território e propicia uma interpretação mais fiel da realidade, além de dar pistas sobre as possíveis potencialidades e conflitos envolvidos.

## **2.2. Cartografia urbana: A fronteira**

Adicionam-se à análise fatores sociais, econômicos e culturais que compõem e transformam cotidianamente a paisagem, fatores estes que criam outros planos de força que a sistematização morfológica, isoladamente, não é suficiente para apreender os planos de força que atravessam o território. Para tal, recorre-se à cartografia urbana que se comunica com os estudos da filosofia da diferença, cunhada pelos filósofos francês Deleuze e Guattari (1995), e pela rede de pesquisadores acadêmicos que buscam a validação científica deste método (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009; Passos, Kastrup & Tedesco, 2014).

O método da cartografia urbana se propõe a acompanhar os processos, não há antecipações de respostas, mas sim uma abertura ao desconhecido provocando a desarticulação do pesquisador ao mesmo tempo que ativa sua subjetividade. É um método da inquietação e da experiência que rompe com estruturas pré-estabelecidas da sequência e rigidez academicista para apreensão do inesperado e do protagonismo de múltiplos atores. De acordo com Passos, Kastrup e Tedesco (2014, p. 29):

A pesquisa cartográfica coloca-se entre aquelas que afirmam a importância do interesse da ciência pelo que investiga, aceitando, em contrapartida, o interesse do próprio objeto. A dimensão interativa ou participativa característica da experiência de “inter-esse” é valorizada, o que confere ao trabalho um sentido de cuidado.

O caráter participativo do método da cartografia deseja interromper a hierarquia e verticalização do saber, dando voz ao próprio objeto. Por mais que a abordagem não seja neutra, ela é inclusiva e reforça a horizontalidade, capturando-se afetos, sensações e percepções. Acompanhar os processos na contemporaneidade é revelar, para além das luzes — o que é visível, o escuro — o que está encoberto ou o que foi apagado (Agamben, 2009).

A fronteira, segundo tema-chave deste artigo, reside neste lugar de inflexão e indeterminação de sobreposição das camadas presentes no território. A Fronteira é aqui entendida como um “entre”, que não é uma coisa nem outra, mas sim uma coisa e outra: a fronteira entre o público e o privado, entre o espaço livre e o construído, entre o eu e o outro.

Essa compreensão processual da fronteira dialoga criticamente com distintas abordagens teóricas. Em Huntington (1997), a fronteira aparece como linha de fricção entre identidades civilizacionais, marcada pela separação e pelo conflito. Já em Haesbaert (2004), a fronteira é entendida como zona de sobreposição, mobilidade e multiterritorialidade, aproximando-se da noção de “entre” e da coexistência de camadas que se interpenetram no território. Em Bauman (1999), por sua vez, a fronteira assume um caráter seletivo e assimétrico na modernidade líquida, operando como dispositivo de inclusão e exclusão, sobretudo no controle dos fluxos humanos.

Historicamente o conceito de fronteira recebe epítetos negativos, visto a carga histórica de guerras e disputas territoriais. Também é usado para indicar separação ou exclusão, como se o termo ‘fronteira’ fosse a causa de interrupções. No entanto, é preciso certa cautela na diferenciação entre fronteira e limite, uma vez que o limite está próximo da demarcação, separação, enquanto a fronteira versa com o que está à frente, no sentido de expansão (Cullen, 1961).

Na linha da filosofia da diferença, os filósofos Deleuze e Guattari (1995) e Derrida (1994) apreendem o conceito de fronteira se despreendendo de uma análise histórica e se associando a uma análise geográfica, ou seja, costumam o entendimento de fronteira no sentido de movimento, acontecimento, construção, abertura e não de reclusão ou estagnação. Com isso os autores atentam para a potencialidade das fronteiras, como lugares da diferença, da transformação, propícios a ruptura e a criação.

Assim, para adentrar nessa esfera por vezes invisível ou indizível da fronteira, a cartografia urbana se apresenta como uma ferramenta para a compreensão dessas coexistências, daquilo que existe e resiste no território. Um método de coleta e também de análise que provoca o investigador a criar outra rede de mapas e percepções que tangenciam o sensível.

### **2.3. Visão-Escuta Serial: O som**

A metodologia de visão serial, proposta inicialmente Cullen (1961), tem em vista usar croquis e fotografias para representar sequencialmente a exploração da paisagem, tentando representar os contrastes, revelações e a justaposição de imagens que surgem ao percorrer a cidade. O enfoque do autor está nas respostas emocionais e nas impressões estéticas do ambiente obtidas por meio da visão, julgadas como o sentido principal de percepção da paisagem. De forma análoga, o passeio sonoro ou soundwalk surge no escopo do World Soundscape Project, dos anos 70, como “qualquer excursão cujo propósito principal é escutar o ambiente” (Westerkamp, 1974, p. 18) e como uma proposta de exploração da paisagem sonora de determinada área com algum guia, como um mapa (Schafer, 1993). Este método, ao ser estruturado como proposto em Raddichi (2017), permite a avaliação da paisagem sonora por meio dos ouvintes e seus processos de escuta.

O conceito e o método culleniano referente à paisagem urbana se tornou uma das formas de avaliação da paisagem mais difundidas entre arquitetos e urbanistas. Entretanto, Adam (2008) ressalta pontos críticos importantes ao utilizá-lo atualmente: primeiro, referente ao potencial exploratório da ideia de paisagem urbana fragmentada pelo city marketing, ou seja, trazendo um retrato manipulado da paisagem por não contemplá-la integralmente; segundo, trata da exclusividade da visão como único alicerce perceptivo; e, terceiro, aborda a passividade do observador em sua abordagem, promovendo um afastamento do sujeito de sua posição de agente transformador da paisagem. Considerando-se as críticas apresentadas, toma-se como o método de visão serial culleniano reajustado mediante as seguintes abordagens alternativas:

- I. Para evitar a construção de uma paisagem idealizada propôs-se, antes da ida a campo, uma pesquisa documental — histórica e contemporânea — sobre o recorte estudado. Desta forma, buscam-se distintas visões e narrativas, dando enfoque às diferentes nuances da paisagem.
- II. Desconstruindo-se a hegemonia da visão, visa-se uma abordagem multissensorial da leitura da cidade centrada no corpo do observador, como vista por Pallasmaa (2009, p. 38): “Eu me experimento na cidade; a cidade existe por meio de minha experiência corporal”. Este mesmo autor diz que as características do espaço são medidas igualmente por todos os sentidos, sendo portanto importante abrangê-los, na medida do possível, na análise. Adiciona-se primordialmente à visão serial a escuta, como elemento perceptivo, tendo como base os estudos de paisagem sonora (Schafer, 1993; Kang & Schulte-Fortkamp, 2018).
- III. Com relação à passividade do observador, parte-se neste trabalho da filosofia de pesquisador pautada na observação incorporada e na abordagem experimental (Rheingantz et al., 2009), que valoriza a interação entre observador, usuário e o ambiente construído, reconhecendo o pesquisador como sujeito sócio-histórico fundamental para construção do lugar avaliado. Assim, o observador deve reconhecer seus padrões emocionais de resposta às percepções e ter consciência de estar mentalmente e corporalmente presente no ato de observar, estando aberto à experiência sem enfoque excessivo aos instrumentos.

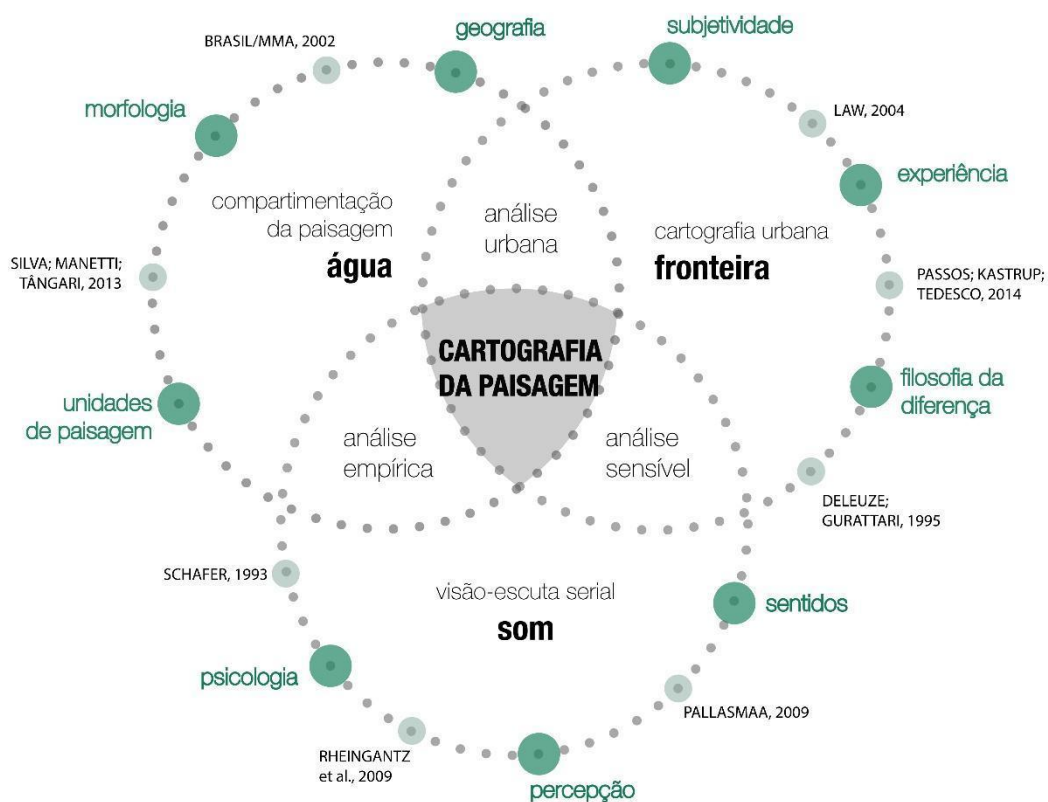
Desta forma, partindo-se do passeio sonoro método de caminhadas sonoras ou soundwalks (Radicchi, 2017), combina-se um modo de escuta atento à cartografia urbana e à visão serial culleniana ajustada, valendo-se de gravações sonoras e relatos de percepções sonoras do ouvinte que explora a paisagem como formas de análise da paisagem. Combinando-se ambas formas de percepção, visual e auditiva, busca-se ampliar e aprofundar a discussão sinestésica do método serial, visando compreender o *continuum* temporal fornecido pelo som às impressões visuais (Pallasmaa, 2009). Reitera-se a consideração de outros sentidos no processo cartográfico, cujas percepções são descritas na análise da paisagem. Agregam-se então gravações sonoras aos croquis e fotografias da metodologia de visão serial, cunhando uma visão-escuta serial de caracterização e exploração da paisagem urbana.

Definem-se, portanto, novos princípios norteadores da prática da visão serial proposta por Cullen, neste escopo transformada na visão-escuta serial. Sendo realizadas, neste trabalho, em uma análise piloto do método proposto.

## 2.4. Cartografia da paisagem: o método

A fim de integrar os métodos supracitados, ancorados pela estratégia combinada, denomina-se de cartografia da paisagem o método que articula os três pilares: as águas (compartimentação da paisagem), a fronteira (cartografia urbana) e o som (visão-escuta serial). O diagrama da Figura 1 sintetiza de forma esquemática a fusão entre as abordagens metodológicas destacando os principais conceitos e referências bibliográficas.

**Figura 1**  
*Diagrama do método da Cartografia da Paisagem*



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

A partir do diagrama observa-se que a interseção entre os métodos acarreta análises distintas. O método da cartografia urbana aliado ao da visão-escuta serial propicia uma análise sensível, uma vez que ativa os sentidos do pesquisador ao imergir em uma experiência corporal atenta às percepções. Já a interligação entre a cartografia urbana e a compartimentação da paisagem tem uma análise voltada para o urbano, investigando a forma e composição dos tecidos tanto com características do desenho urbano e informações técnicas, como com características sociais e culturais complementadas pelos agenciamentos cartográficos. Por fim, a associação entre a compartimentação da paisagem e a visão-escuta serial possui uma análise empírica em razão da necessidade de “verificação” in loco.

A cartografia da paisagem resulta da combinação das análises urbana, sensível e empírica gerando um produto complexo que pode ter um cunho crítico e/ou propositivo, dependendo do nível de discussão e do material coletado. Neste artigo, o método será utilizado para entender os conflitos existentes e lançar os questionamentos e provocações para projetos e pesquisas futuras.

Os recursos de representação desta cartografia podem ser variados. A escrita, o desenho, a fotografia e o áudio são alguns dos instrumentos que contribuem para essa comunicação e fornecem pontes de conexão e argumentação.

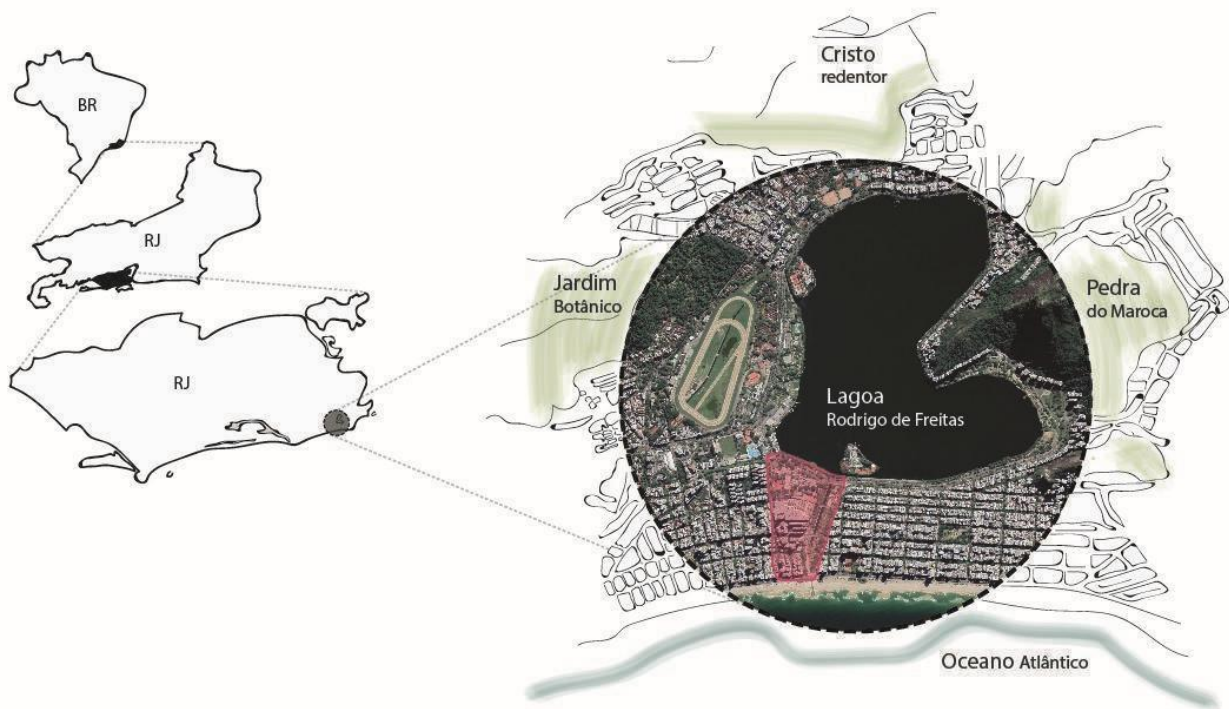
### 3. Resultados e discussão

#### 3.1. Canal do Jardim de Allah: território de análise

Localizado entre a Lagoa Rodrigo de Freitas e a Praia do Leblon, o recorte do estudo é definido pelo Canal de Alah e seu entorno (ver Figura 2) – Av. Afrânio de Melo Franco e Av. Eptácio Pessoa. A região está inserida nos bairros Lagoa, Leblon e Ipanema, onde se concentra a maior renda *per capita* do Município do Rio de Janeiro (FGV Social, 2021). No entanto, apresenta um histórico de conflitos socioambientais iniciado no processo de colonização da cidade e que se manifesta no território e nas relações que nele se estabelecem até a atualidade. Entendemos estas manifestações como o surgimento ou desaparecimento de marcos na paisagem (Lynch, 1964), que contam este histórico de transformação do território de estudo.

**Figura 2**

*Localização do recorte de estudo, o Canal de Alah e seu entorno, situado entre a Lagoa e a praia*



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

Para a identificação dos marcos da transformação da paisagem, neste recorte espacial, recorreremos ao contexto histórico de ocupação, através da descrição de uma breve cronologia, traçada a partir da literatura. O recorte temporal inicia no período pós-criação oficial do Canal do Jardim de Alah nos anos 1920.

É importante, porém, ter conhecimento de que a região da atual Lagoa Rodrigo de Freitas tem sido palco de conflitos sociais desde a expansão dos colonos portugueses para o interior do Rio de Janeiro, conforme relatado por Antônio Rodrigues (2012). Originalmente de ocupação dos indígenas Tamoios, a região da Lagoa foi cenário de genocídio e escravização indígena, dos engenhos de cana de açúcar e, posteriormente, de chácaras e de comércio ilegal de escravos, circunstância que só se altera por volta do século XIX com a chegada da Família Real Portuguesa. Até então, a região da Lagoa possuía uma paisagem predominantemente rural, cercada por morros e propriedades destinadas à agricultura. Após as políticas industriais do governo joanino, a região adquire caráter dual: campestre, pela criação do Jardim Botânico, e industrial. É o início também de uma urbanização da região, com a criação de um sistema de bondes, vilas operárias e clubes de lazer para esta massa trabalhadora, modificações que alteram uma paisagem outrora exclusivamente bucólica e tensionam as massas sociais distintas: uma elite de industrialistas, uma massa operária e as chácaras rurais.

A região do canal teve seu desenvolvimento acelerado no fim do século XIX. Sua construção vem inicialmente de uma preocupação que se inicia no século XVII, como diz Rodrigues (2012), com as reclamações de insalubridade da Lagoa. Devido às reformas urbanas e sanitárias do prefeito Carlos Sampaio não somente se inicia a construção do canal com propósitos de eliminar os problemas da Lagoa, como se aterra parte desta. Assim, foi aberta uma avenida que margeia a Lagoa, buscando o ideal de uma cidade-jardim na região. É a partir destas reformas que interesses econômicos, políticos e sanitários coordenam um novo movimento de ocupação da Lagoa e a incorporam à renovação urbana do Rio de Janeiro. A construção do canal do Jardim de Alah se dá então no início da década de 20 do século passado e o jardim que o circunda é construído nos finais dos anos 30, com inspiração *art déco*.

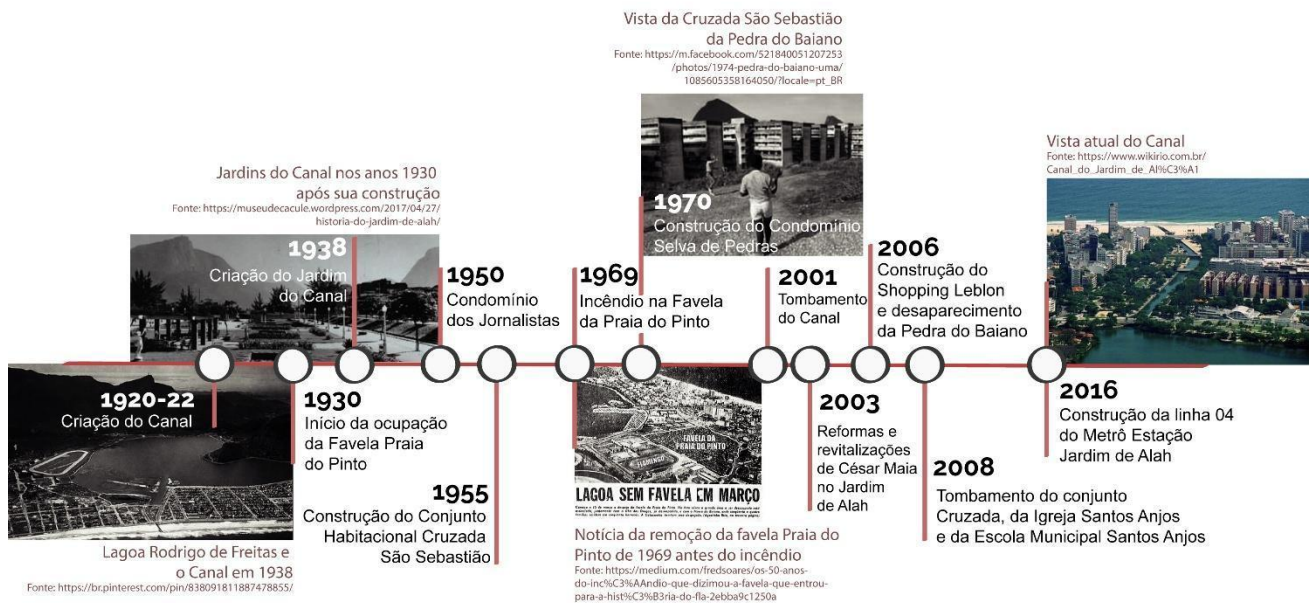
Por outro lado, da renovação urbanística da primeira metade do século XX, a ocupação da Lagoa continha favelas em expansão, nas quais residiam famílias de baixa renda que trabalhavam nas casas e fábricas da região e se originaram do loteamento das antigas chácaras quando a posse passou para seus escravos. Esta questão se agrava a partir dos anos 1940 com a pressão do setor imobiliário. Um fator adicional para esta tensão são os programas dos anos 1950, do Bispo Dom Hélder Câmara, cujo primeiro projeto se concretizou na Cruzada São Sebastião, em 1955, na região do canal (Gonçalves & Ferreira, 2019). O conjunto habitacional foi construído em um terreno desocupado de propriedade da prefeitura para alojar os moradores da favela Praia do Pinto. A tensão entre os novos moradores e os prédios modernos da região se intensificou, refletindo também nas remoções de outras favelas nos anos 1960.

A partir dos anos 70 a ocupação da região da Lagoa e do Canal cresce de forma rápida e desordenada, fruto de uma especulação imobiliária e da afirmação da Lagoa como ponto de lazer e cartão postal do Rio de Janeiro. Nos anos 2000, alguns marcos urbanísticos se somam ao cenário do Canal do Jardim de Alah, como seu tombamento em 2001: a construção do shopping Leblon ao lado da Cruzada São Sebastião em 2006, que fez desaparecer a Pedra do

Baiano; o tombamento da Igreja de Santos Anjos e Escola Municipal Santos Anjos em 2008, que faz parte do conjunto da Cruzada; a construção do Metrô Jardim de Alah, em 2016; e a abertura da rua Humberto de Campos tangente à Cruzada, bem como diversas reformas das praças Grécia e Almirante Saldanha Gama, que tangem o canal, resultando mais marcadamente em seu gradeamento e na construção de um parque para cachorros.

A fim de sintetizar todos os eventos e transformações da paisagem que ocorreram desde a criação do Canal do Jardim de Alah, construiu-se a linha do tempo síntese na Figura 3. É importante ressaltar, neste ponto, um fato que se tornará mais claro nos resultados apresentados a seguir. No recorte geográfico e histórico estudado, sempre houve uma população que incomodava e um interesse de outra parte da população de removê-la. Foi assim com os índios Tamoios que lá originalmente habitavam, estorvo do avanço português, com os escravos remanescentes, dos quais tanto seu comércio ilegal quanto sua posse de terras no pós-escravidão eram impasse para o setor imobiliário, com os operários e ex-operários das fábricas, que ajudaram a compor a população favelada, removida à força, e com a atual Cruzada São Sebastião, mancha socioeconômica fora dos padrões do metro quadrado mais caro do Rio de Janeiro. Portanto, é importante ter entendimento deste histórico de conflitos ao se avaliar a paisagem urbana do recorte e suas relações com as percepções e ocupações de quem habita e transita na região.

**Figura 3**  
*Cronologia do recorte*



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

### 3.2. Compartimentação da Paisagem

Com o intuito de compreender a configuração dos espaços, em especial os espaços livres públicos e as diferentes dinâmicas, utiliza-se a abordagem multiescalar de Compartimentação da Paisagem, baseada na metodologia apresentada anteriormente. Sendo assim, foram identificadas seis Unidades de Paisagem, dispostas na Figura 4.

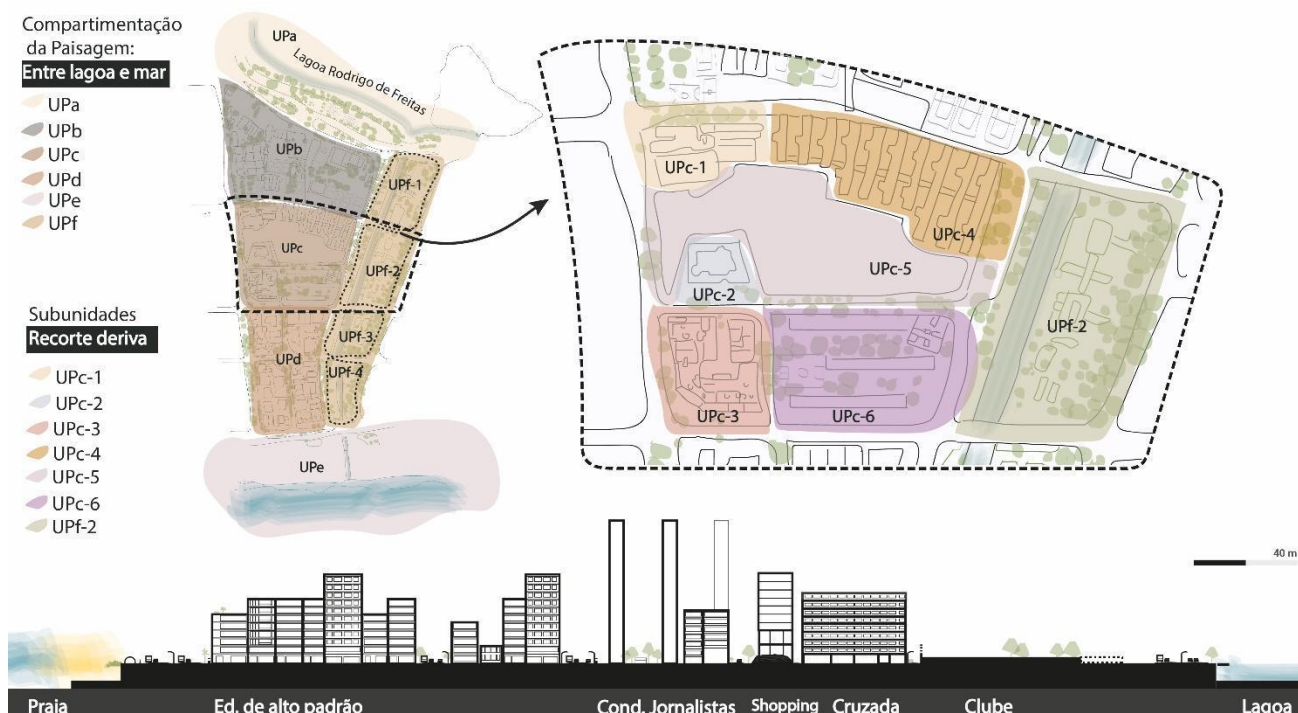
Cada Unidade de Paisagem apresenta limites definidos e homogeneidade de configuração, descritos separadamente a seguir.

As Unidades de Paisagem UPa e UPe, são compostas por dois espaços livres públicos distintos – a lagoa e a praia – que exercem forte influência no território. Suas análises individuais e das quadras confrontantes colaboram para o entendimento dos usos e apropriações – ou desusos e desapropriações – do entorno do Canal de Alah.

A Lagoa Rodrigo de Freitas pode ser considerada como um espaço dicotômico. Ao mesmo tempo que é marcada pela poluição da água e problemas recorrentes de alagamento, é um dos cartões postais da cidade. Utilizada pela população local como espaço de lazer e de práticas de esporte, é um Espaço Livre Público qualificado com equipamentos e mobiliário urbano. A visão do espelho d'água e da cadeia montanhosa também atrai turistas e moradores de outras regiões. Além da infraestrutura pública, conta com diversos locais e serviços privados que dão suporte a área, como quiosques, clubes, aluguel de equipamentos e vendedores ambulantes.

**Figura 4**

*Mapa da Compartimentação da Paisagem em Unidades e Subunidades e o perfil longitudinal demonstrando a relação das unidades e destacando os principais elementos da paisagem*



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

A UPb, conectada a unidade da Lagoa, contém predominância de equipamentos e espaços livres privados representados pelo Clube Monte Líbano, Paissandu Atlético Clube, Associação Atlética Banco Do Brasil (AABB) e Espaço Acqua - Ensino de Esportes. Apesar de conter grande número de quadras poliesportivas, piscinas e demais equipamentos de esporte e lazer no interior da quadra, sua relação com as ruas do entorno é determinada pela presença de altos muros e portões fechados. Esses atributos, encontrados nas unidades mais a norte, estão associados a lugares e serviços pagos e acabam contribuindo para uma elitização dos espaços.

Ao sul, o recorte é limitado pela praia onde o deságue da água do Canal de Alah marca a divisão das praias do Leblon e Ipanema. Novamente a poluição da água é relevante na conformação do espaço, sendo nesta unidade, evidenciada pelo esvaziamento de usos na areia próxima à foz. A UPe é um trecho da orla carioca, um Espaço Livre Público de escala metropolitana com caráter mais democrático, congregando diversas classes sociais e múltiplas formas de apropriação.

Relacionando-se de forma mais direta com a praia, a UPd é composta por quatro quadras de uso predominantemente residencial e padrão econômico mais elevado. Preserva algumas edificações *art deco* de baixo gabarito e construções mais recentes que chegam a até 12 pavimentos (ver perfil longitudinal Figura 4). As ruas internas têm menor tráfego e possuem mais arborização que as demais unidades.

Atravessando o recorte no eixo norte-sul, identifica-se o Jardim de Alah como uma Unidade da Paisagem definida por ser um espaço livre público linear conformado pela presença do canal de drenagem. Compreende-se este corpo hídrico como um elemento estruturador da paisagem que, ao mesmo tempo, conecta e segrega espaços e pessoas. A unidade encontra-se majoritariamente abaixo do nível das ruas, com o perímetro cercado por grades e peitoris e entrecortada por espaços de circulação elevados. Contém usos e apropriações que variam ao longo dos jardins, mas de uma maneira geral, é possível perceber sinais de desapropriação e de baixa manutenção, como a ausência de pessoas, bancos e mesas danificadas, falhas na forração vegetal e portões quebrados. Buscando entender as singularidades desse compartimento e suas articulações com os demais espaços, esta unidade foi dividida em quatro subunidades.

Subunidade UPf-1: próxima a Lagoa Rodrigo de Freitas, engloba a Estação Caiçaras para tratamento de esgotos e águas residuais da Companhia Estadual de Águas e Esgotos (CEDAE). Se caracteriza pela presença de caminhões e área de estacionamento de maquinários pesados.

Subunidade UPf-2: localizada mais ao centro da unidade, encontra-se com o perímetro todo cercado por gradil e portões danificados. Delimitada pela rua denominada Praça Grécia, tem diferentes ambientes conformados por resquícios de mobiliários urbanos. Conta ainda com muitos bancos, mas pouca área de sombreamento.

Subunidade UPf-3: Praça Almirante Saldanha Gama, conhecido como “parcão”, é um espaço de lazer apropriado para passeio com cachorros e, por isso, é o trecho mais utilizado pela população local.

Subunidade UPf-4: se relaciona com a unidade da praia através de um calçadão largo com uma ciclofaixa. Contém gradil alto apenas na face para a Av. Delfim Moreira e encontra-se aberta ao nível da Av. Eptácio Pessoa.

No centro do recorte de estudo, a UPc é definida pelas ruas Humberto de Campos, Av. Borges de Medeiros, A. Ataulfo de Paiva e Av. Afrânio de Melo Franco. Contém edificações de uso comercial e residencial, e conta ainda com uma igreja católica, uma escola municipal e uma rua de serviço. Sua interface com a unidade do Jardim do Canal de Alah é composta pelo Conjunto Habitacional Cruzada São Sebastião, Shopping Leblon e Condomínio do Edifício Jardim de Alah (conhecido como condomínio dos Jornalistas). Estes três elementos criam diferentes atmosferas e retratam de forma icônica os conflitos socioculturais da região.

Com o intuito de analisar a relação entre as diferentes morfologias identificadas com o Espaço Público Livre definido pelos jardins do canal, a UPc também foi dividida em subunidades (ver Figura 4).

A Subunidade UPc-1 tem um caráter mais institucional, englobando a Paróquia e a escola. A Subunidade UPc-2 é definida pelo Condomínio *Leblon Flat Service*. A quadra de uso misto, localizada a sudoeste da unidade, compõe a subunidade UPc-3. O Conjunto Habitacional Cruzada São Sebastião, o *Shopping Leblon* e o Condomínio dos Jornalistas se configuram respectivamente como as subunidades UPc-4, UPc-5 e UPc-6.

De especial interesse desta pesquisa, está o espaço do “entre”, estabelecido pela fronteira do Conjunto Habitacional Cruzada São Sebastião, *Shopping Leblon* e Condomínio dos Jornalistas com a Praça da Grécia (subunidade UPf-2). Sendo assim, através da ida a campo e pesquisa em comentários públicos, na plataforma do Google Maps, buscou-se um aprofundamento na micro escala.

Como forma de representar esta cartografia foram elaborados perfis urbanos localizando os comentários (ver Figura 5) com o objetivo de relatar as diferentes percepções dos espaços e suas contradições. Vale salientar que a análise das Unidades se baseia na compreensão do histórico apresentado, bem como na avaliação de mapas, matérias de jornal, comentários públicos em redes sociais, documentações em vídeo e percepções obtidas na ida a campo.

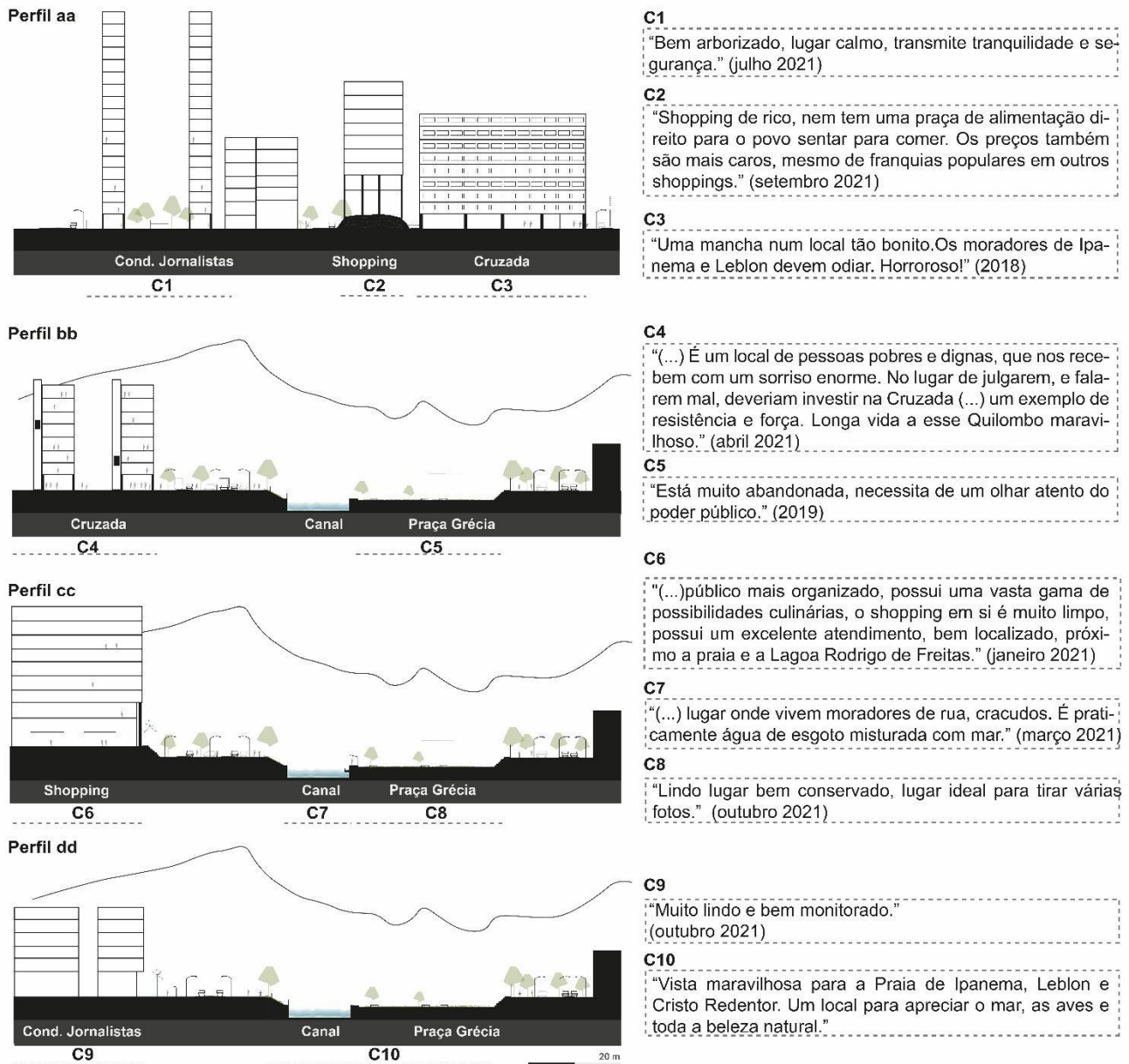
Observa-se no Perfil “aa”, a relação entre as três subunidades da Unidade de Paisagem UPc-4, UPc-5 e UPc-6, que fazem divisa com a Praça Grécia. Destaca-se o alto gabarito do Condomínio dos Jornalistas, com amplo espaço livre entre os blocos edificados, a implantação elevada do *Shopping Leblon* sobre formação rochosa e o bloco sobre pilotis da Cruzada. Entre as subunidades UPc-5 e UPc-6, localiza-se a rua Professor Antônio Maria Teixeira em leve em relevo e servindo principalmente como acesso de veículos ao *shopping*. Uma rua de serviços com acesso controlado faz a separação entre a subunidade do *shopping* e da Cruzada. A rua Humberto de Campos funcionava dentro do conjunto habitacional e foi recentemente aberta. Os blocos se projetam sobre as calçadas, formando pilotis de acesso e uso comum. Do outro lado da rua encontra-se o alto muro do clube Monte Líbano.

Nos demais perfis se destaca a cadeia montanhosa ao fundo e a relação dos três elementos com o canal e a Praça Grécia. Em frente ao Condomínio dos Jornalistas, a Av. Borges de Medeiros passa a ter mão única proporcionando um alargamento da calçada que forma uma espécie de mirante para o Canal. Próximo ao *shopping* é possível perceber uma concentração de táxis e entregadores de aplicativos, que também utilizam o jardim perto do canal como espaço de descanso. No trecho em frente a Cruzada há comércios e serviços de pequeno porte que contribuem para trazer mais movimentação à calçada.

Apesar dos diferentes usos e apropriações percebidos nestas subunidades, a Praça Grécia parece se encontrar desconectada de tais espaços. O canal e a poluição da água conformam uma barreira física entre as subunidades, contribuindo para esse distanciamento. Nota-se nos comentários públicos que cada indivíduo apreende de forma singular as diferentes atmosferas encontradas no recorte. Verificam-se sentimentos dualistas como insegurança, sensação de abandono, tranquilidade, inclusão e exclusão.

**Figura 5**

*Perfis das Unidades de Paisagem localizando comentários públicos escritos na plataforma Google Earth*



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

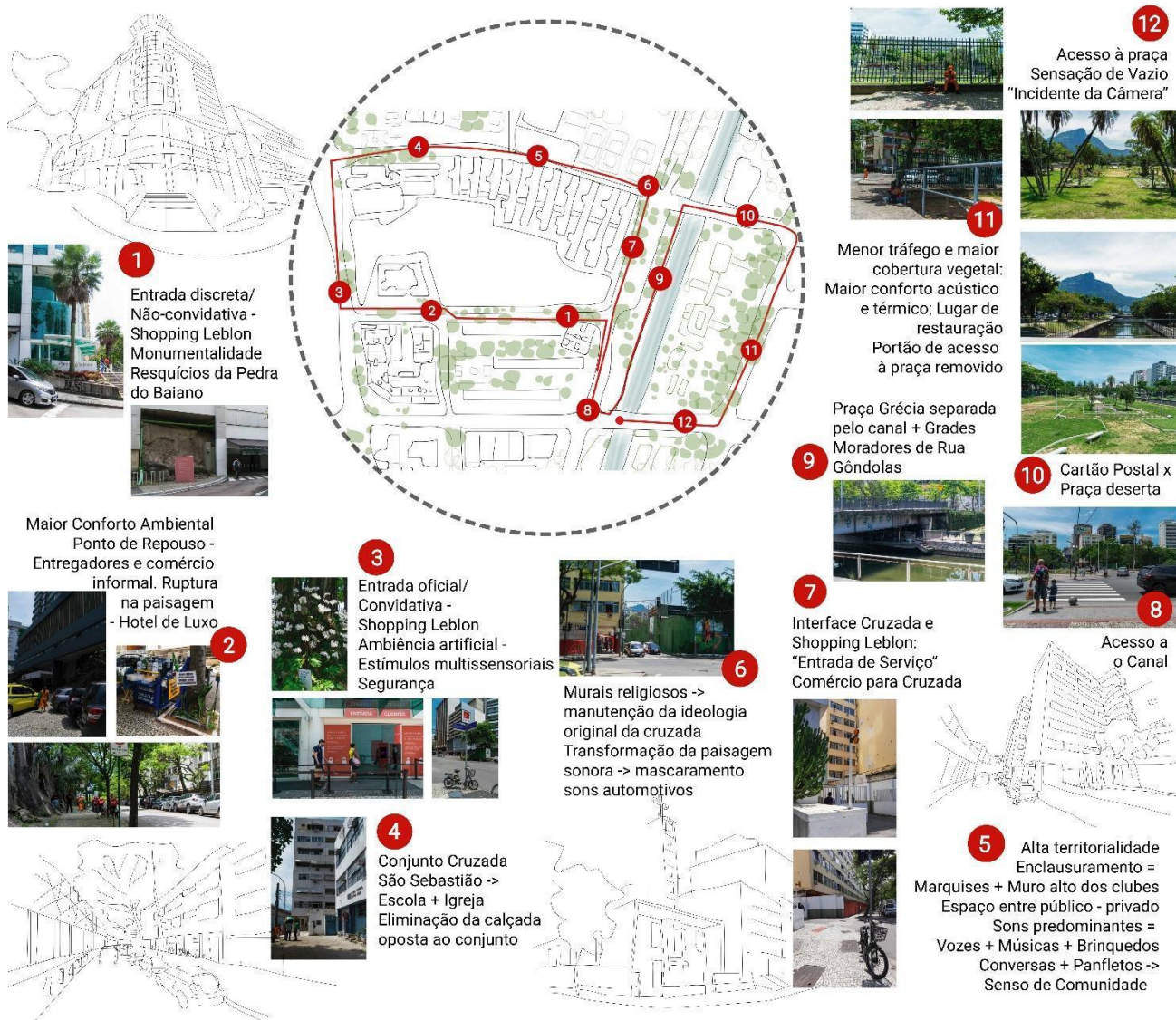
### 3.3. Cartografia Urbana e Visão-Escuta Serial

Buscando compreender ainda mais detalhadamente as relações entre atores e a paisagem nas subunidades UPc e UPf-2, o trabalho vale-se dos princípios da cartografia urbana e do método de visão-escuta serial proposto para guiar a discussão para a escala do íntimo da percepção.

No dia 15 de outubro de 2021, sexta-feira, realizou-se então uma deriva cujo percurso é mostrado na Figura 6, empreendida aproximadamente entre às 11:00 e 12:30. A deriva foi realizada a pé por somente um dos autores, que residia na cidade no momento do trabalho, e teve seu início e fim de percurso nas proximidades da entrada/saída da estação de metrô Jardim de Alah, na avenida Borges de Medeiros. O traçado do percurso se deu de forma

espontânea, dentro do recorte da subunidade previamente estipulado, de forma aberta ao desconhecido e buscando dar voz ao objeto, como elucidado na metodologia.

**Figura 6**  
Mapa síntese da Visão-Escuta Serial



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021

Durante a deriva realizaram-se registros fotográficos e gravações sonoras<sup>2</sup>, além de gravações da percepção do observador. Definiu-se, *a posteriori*, os pontos de contraste e revelações da paisagem urbana conforme o método visão-escuta serial, e ao fim segmentou-se o percurso em 12 pontos, compilados na cartografia apresentada na Figura 6, e alguns pontos determinados foram complementados com croquis, ampliando a perspectiva visual apresentada. Elencaram-se também palavras-chave dos pontos do percurso, a serem detalhadas na análise a seguir.

<sup>2</sup> As gravações sonoras foram indexadas de acordo com o número de referência do mapa na playlist disponibilizada em: <https://soundcloud.com/olucassampa/sets/escutas-no-canal-do-jardim-de-alah/s-bXQuLFc35Pr?si=ac10977c05854d479139dba22a6d593a>.

Ao sair da estação de metrô na avenida Borges de Medeiros, o observador se depara com uma paisagem mista entre edifícios residenciais, à esquerda, e vias urbanas e espaços livres públicos à direita, com mais edifícios residenciais ao fundo. A atmosfera de uma rua movimentada e importante para o bairro é evidente dado o intenso fluxo de pedestres e veículos. Ao seguir no sentido Lagoa, tem-se o primeiro ponto contrastante da paisagem, a presença do *Shopping* Leblon (1). Este se destaca pela diferente tipologia arquitetônica, com fachada em vidro esverdeado, e patamar elevado. Por outro lado, há certa discrição na entrada e a dimensão do acesso em comparação à monumentalidade da construção, juntamente à paisagem sonora, composta por sons automotivos e de obras, impedem um convite àquela edificação.

Virando a esquina para a rua Prof. Antônio Maria Teixeira, nota-se a presença de seguranças e da fundação da construção em cima da antiga Pedra do Baiano, antigo marco da paisagem substituído pelo empreendimento de lazer privado. Na rua lateral do *Shopping* Leblon, tem-se uma atmosfera de maior sossego, comparada com a avenida anterior, cujo maior conforto térmico, proporcionado pelas árvores, e acústico, pelo menor tráfego de veículos, criam um ambiente propício para o repouso de entregadores de aplicativo e vendedores ambulantes. A paisagem visual é de um corredor entre o *shopping* e os edifícios, quebrada somente na presença de um hotel de luxo, o *Leblon Flat Service* (2). Este é marcado pela monumentalidade e presença de carros em um estacionamento frontal. Em seguida, logo ao entrar à direita na avenida Afrânio de Melo Franco, tem-se a entrada de pedestres mais movimentada do *Shopping* Leblon (3). Curiosamente, a atmosfera criada para esta entrada apresenta-se extremamente convidativa para seu público-alvo, diferentemente da entrada anterior. Estímulos multissensoriais atingem qualquer passante na calçada: as inúmeras flores colocadas a frente e dentro do *Shopping* o destacam da paisagem urbana ao redor, enquanto um aroma perfumado artificial invade e prende a atenção. Para completar, altofalantes transmitem de forma esquizofônica uma bossa-nova que, ao mesmo tempo, reafirma a identidade da zona-sul carioca e assegura o pertencimento de uma classe social mais abastada. Os sons perduram até quase à próxima esquina, quando a paisagem começa a se transformar novamente na rua Humberto de Campos.

Este trecho da rua tange o conjunto da Cruzada São Sebastião, da Igreja de Santos Anjos e da Escola Municipal Santos Anjos. No ponto da escola (4), ainda há uma rua arborizada com calçada em ambos lados. Contudo, logo que a calçada do lado oposto do conjunto desaparece, permanecendo solitário o alto muro dos clubes e alterando o cenário ao se adentrar no território semi-público dos pilotis da Cruzada São Sebastião (5). Neste trecho, é notável ao observador a territorialidade de seus ocupantes, além do sentimento de enclausuramento causado pelas marquises e pelo muro alto sem calçada. Percebe-se a calçada como uma extensão do espaço semi-público dos pátios do conjunto habitacional, cujas grades permanecem abertas e são ocupadas por pais com crianças, jovens e idosos. A paisagem sonora também é significativamente distinta, apresentando predomínio de sons de vozes, brinquedos e músicas, visto a quase ausência de fluxo de veículos no trecho. Os sons e a observação incitam, ao contrário do tom territorial percebido, um grande senso de comunidade dos grupos que ocupam o espaço. Este é reforçado pelos inúmeros anúncios nas paredes, de grupos religiosos a sessões de cinema. Chegando perto novamente da avenida Borges de Medeiros (6), é possível ver murais religiosos pintados nos muros, remetendo à fundação da cruzada pela igreja e à manutenção destes ideais, visto que eles são mantidos em bom estado, e a transformação da paisagem sonora por mascaramento devido à intensidade sonora dos sons automotivos. Reitera-se

o fato de que este trecho da rua Humberto de Campos fora aberto somente com a inauguração do metrô, em 2016, mas, mesmo assim, parece que ainda permanece como a extensão do espaço semi-privado da Cruzada, já que é pouco apropriado por não moradores e até por automóveis.

A parte da Cruzada na avenida Borges de Medeiros (7) apresenta uma paisagem sonora com misto de vozes e sons automotivos, pois neste ponto encontram-se os comércios direcionados ao público do conjunto habitacional, como salão de beleza e mercado. A ruptura é brusca, já que logo em seguida se retorna ao *Shopping Leblon*, que é separado somente por sua entrada de serviço, guardada por dois seguranças. Neste ponto, compreende-se a entrada discreta do *shopping*, mascarando a presença do conjunto habitacional e atraindo seu público alvo para o lado oposto.

Parte-se então para analisar o espaço livre público da praça Grécia, do outro lado do canal do Jardim de Alah. O acesso às margens do canal (8) se dá pela faixa de pedestres da avenida Borges de Medeiros, pela qual se acessa uma via para pedestres que margeia o canal (9). Esta via, pouco apropriada por alguns vendedores ambulantes, dá vista à praça do outro lado do canal, cuja única apropriação visível são os moradores em situação de rua embaixo da ponte e sacos de lixo estendidos nas grades. As escadas que descem ao canal também são elementos curiosos da paisagem, resquícios das gôndolas do passado. Ao chegar na ponte que leva à praça Grécia (10), se depara com uma paisagem contrastante: de um lado uma vista de cartão-postal do Rio de Janeiro, com uma paisagem visual composta pelo canal, a lagoa Rodrigo de Freitas e o Corcovado com o Cristo Redentor de fundo, e do outro lado uma praça com manutenção aparentemente em dia, mas sem apropriação. Ao chegar na avenida Eptácio Pessoa nos contornos da praça (11), percebe-se, por outro lado, uma ocupação nas margens externas da praça, mas não dentro desta. Este trecho da avenida é bem arborizado, apresentando também um bom conforto térmico, e possui menos faixas de veículos, sendo portanto menos movimentado e mais silencioso. Nota-se que a mureta na qual se sustentam as grades da praça se torna um banco para repouso, e questiona-se se o que causa o desuso da praça é o próprio desenho arquitetônico-paisagístico, feito sem arborização e sem atrativos, bem como a presença de pessoas em situação de rua ou ambos. Percebe-se que um dos portões da grade da praça foi removido, apontando a ineficiência de certas políticas públicas de revitalização de espaços livres e a tentativa de exclusão de certos grupos sociais.

Por último, retorna-se ao metrô pela ponte a sul da praça Grécia (12), a qual possui outro ponto de acesso à mesma. Tendo-se a vista completa da praça para norte, amplia-se a sensação de vazio, principalmente quando se observa a praça Almirante Saldanha Gama, do outro lado, apropriada por indivíduos com cachorros devido ao espaço criado como um “parcão”. Apesar de também não possuir um desenho que proporciona um melhor conforto ambiental, esta segunda praça encontrou sua apropriação por meio de uma função urbana específica para a região. Adicionalmente, neste último ponto da deriva, ocorreu um evento que representa as possíveis interações entre observador e objeto, como descrito na metodologia, e a não passividade do observador. Ao portar uma câmera fotográfica para os registros desta pesquisa, uma transeunte que se encontrava à frente do observador retorna e o aborda para dizer, de forma enfática e em tom de cobrança, que “não sabia se ele era carioca, mas que andar com tal equipamento naquele trecho era ‘pedir para ser roubado’”. Tal fala, dita ainda de forma espontânea, traz reflexões

acerca primeiramente da imagem do observador como estrangeiro, por ter um comportamento diferente dos transeuntes normais daquele contexto, e secundamente sobre quão realmente inseguro era aquela região, com intenso fluxo de pedestres e na zona nobre carioca, assim como as sensações e imagéticas que se tem da Cruzada São Sebastião e da praça Grécia.

Tem-se, por fim, a aplicação piloto do método de visão-escuta serial proposto. Deve-se ter ciência que a deriva, que resultou no produto gráfico e nas percepções, fora realizada em um recorte temporal e geográfico específico e limitado, mas nota-se a potencialidade de aprofundar discussões acerca da paisagem urbana estudada pela combinação dos registros e dos relatos de campo da maneira proposta, como fica evidente na Tabela 1, sintetiza a análise combinada dos espaços estudados a partir das três diferentes perspectivas.

**Tabela 1**  
*Quadro síntese da análise do recorte estudado*

<b>Espaço</b>	<b>A Água (Morfologia/Compartimentação)</b>	<b>A Fronteira (Social/Cartografia Urbana)</b>	<b>O Som (Sensorial/Visão-Escuta Serial)</b>
<b>Entrada do Shopping Leblon vs. Cruzada São Sebastião</b>	O Shopping apresenta implantação elevada sobre formação rochosa, contrastando com o bloco sobre pilotis da Cruzada. Há uma separação física marcada pela rua de serviços. Presença indireta do corpo hídrico do Canal do Jardim de Alah como elemento estruturador, porém percebido mais como barreira física do que como espaço ativo; poluição reforça a desconexão.	Fronteira social explícita entre consumo elitizado e habitação popular; rua de serviço, controle de acessos e vigilância reforçam separação simbólica e material. A entrada de serviço do shopping funciona como uma barreira física e simbólica, com seguranças, mascarando a presença do conjunto habitacional e direcionando o público alvo para o lado oposto.	Na entrada do shopping, há uma paisagem sonora "esquizofônica" com Bossa Nova em alto-falantes, além de outros elementos sensoriais como cheiros e flores, construindo uma atmosfera específica. Já na Cruzada, o som muda bruscamente para vozes, brinquedos e sons comunitários.
<b>Rua Humberto de Campos (Trecho da Escola/Cruzada)</b>	Abertura recente da rua (2016). De um lado, muros altos de clubes sem calçada; do outro, o espaço semi-público dos pilotis da Cruzada que se projeta sobre a calçada. Relação lateral com o canal e com áreas arborizadas; ausência direta da água, mas influência do relevo e da drenagem urbana na configuração do espaço.	Espaço do "entre": transição entre institucional, residencial popular e clubes murados; calçada e pilotis funcionam como extensão do espaço semi-público da Cruzada. Percebe-se uma territorialidade forte dos moradores, com murais religiosos e senso de comunidade, contrastando com o isolamento do muro do clube.	A paisagem sonora é dominada por sons de vozes, músicas, brinquedos, sons que demonstram a alta apropriação do espaço por atividades cotidianas, e que se fazem escutar devido ao baixo fluxo de veículos, criando uma atmosfera de comunidade distinta do restante do bairro movimentado. Transformação próximo à rua Borges de Medeiros quando o som do tráfego veicular se torna predominante.
<b>Praça Grécia</b>	Espaço cercado por gradis (alguns danificados), com muitos bancos mas pouca área de sombreamento. Desconectada das edificações ao redor. O corpo hídrico do canal atua como limite físico; escadas e grades reforçam a compartimentação e isolamento da praça em relação aos fluxos urbanos.	Fronteira marcada por desconexão: praça formalmente pública, mas socialmente pouco apropriada; presença de grades, desenho excludente e estigmatização social. A presença de moradores em situação de rua e o gradeamento indicam políticas de exclusão e ineficiência na revitalização.	O ambiente é marcado por uma sensação de vazio. Na avenida adjacente, que é mais arborizada, o ambiente é mais silencioso e oferece melhor conforto térmico do que dentro da própria praça.

<b>Canal do Jardim de Alah (O Corpo Hídrico)</b>	Elemento estruturador que conecta a Lagoa ao mar, mas marcado pela poluição da água. Encontra-se majoritariamente abaixo do nível da rua e cercado por grades.	Age como uma barreira física que distancia a Praça da Grécia das outras subunidades (Shopping/Cruzada). É uma "zona de amortecimento" que separa e diferencia territórios, além de reforçar múltiplas atmosferas urbanas. Lugar de passagem mais do que de permanência.	Visualmente oferece uma vista de "cartão-postal" (Lagoa/Cristo), mas sonoramente é predominante os sons do tráfego veicular das movimentadas avenidas que o acompanham. Não se escuta os sons das águas.
--	--	---	--

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026

#### 4. Considerações finais

Tendo em vista as discussões resultantes do aparato metodológico e as limitações explicitadas relativas à visita de campo, ao invés de lançarmos conclusões sugerimos algumas considerações iniciais. Este fato é justificável uma vez que o artigo mais experimentou do que gerou respostas precisas, além de ser uma escrita que não objetiva um fim, mas sim um início de uma proposição mais avançada. A complexidade e mutabilidade do território analisado exige do pesquisador um cuidado mais atento para compreensão de toda a dinâmica física, social, política e cultural envolvida. No entanto, mesmo após estas ressalvas, a abordagem deste artigo permitiu chegar a algumas considerações preliminares:

(1) Referente à compartimentação da paisagem, em suas diferentes escalas, foi possível ponderar sobre os espaços de fronteira, do “entre” e suas implicações na paisagem e nas formas de apropriação. Estes espaços agem como zonas de amortecimento entre diferentes territórios que permitem ao mesmo tempo diferenciação e distanciamento. Questionamos ainda a capacidade destas zonas em mitigar conflitos e proporcionar uma apropriação mais justa e democrática do território. Em uma escala macro, no próprio canal do Jardim de Alah, percebemos uma zona de amortecimento entre o mar e a Lagoa, possibilitando desde usos diferentes e apropriações de classes socialmente distintas sem grandes conflitos, até à segregação entre a imagem poluída da Lagoa e do mar próprio para banho. Em escala menor, notamos a ausência de amortecimento entre o *Shopping Leblon* e a Cruzada São Sebastião, resultado marcado tanto no desenho urbano como na paisagem. A entrada de serviço do *Shopping* foi lida como uma barreira, pois a sua elevação e o deslocamento de sua entrada principal para a rua oposta à fachada da Cruzada, provocou uma demarcação e indícios de conflitos socioespaciais.

(2) No que tange os jardins do canal como área estruturada de espaços livres públicos, no recorte permanece a questão sobre seu uso reduzido se comparado com a Lagoa e a orla. Seria, atualmente, sua função principal o amortecimento entre estas já bem apropriadas áreas de lazer? Neste caso, qual seria o propósito das recentes revitalizações e gradeamentos? A morfologia influencia as apropriações dos espaços, mas de que forma poder-se-ia intervir em termos projetuais para trazer uso a um espaço como a praça Grécia?

Observa-se o espaço livre do canal do jardim de Alah como via, espaço de escoamento de pessoas para os espaços de lazer já bem consolidados no uso e no imaginário popular. Reflete-se também sobre a capacidade da intervenção arquitetônica-urbanística em reverter tal situação e estimular a apropriação do espaço frente a questões histórico-

sociais do território. Novamente no caso da praça Grécia, questiona-se sobre quais as condições necessárias para que as diferentes classes sociais que habitam seu entorno se sintam confortáveis em ocupar e compartilhar o espaço. Isto tendo-se ciência de que estas próprias classes sociais estão em constante transformação, e que certamente as populações originais da Cruzada São Sebastião ou do Condomínio dos Jornalistas não são mais as mesmas.

(3) Quanto a uma estratégia metodológica combinada, juntamente com uma análise multiescalar, estas permitiram uma leitura aprofundada do recorte, produzindo questionamentos valiosos para se tratar da paisagem e da percepção dos usuários que habitam, ocupam ou apenas se deslocam. Na posição de estrangeiro em determinado lugar, é certamente mais prudente buscar refletir sobre estes questionamentos do que impor respostas para seus supostos problemas.

O arrojo da inovação metodológica proposta pode ser lida como um rompimento, uma fratura do que até então é conhecido para abertura ao novo e ao desconhecido. A cartografia da paisagem nasce de uma inquietação sobre o alcance e potencialidade dos métodos quanto a análise de paisagens complexas. Esta cartografia se desenvolve não em uma simples junção de métodos conhecidos, mas no agenciamento e atualização de tais métodos, provocando deslocamentos, uniões e desagregações.

Por fim, os próximos passos dessa investigação têm a intenção de aprofundar sobre as nuances e competências do método da cartografia da paisagem, a fim de contribuir tanto para as pesquisas acadêmicas como para os profissionais que lidam com planejamento urbano e regional.

## Informação Suplementar

### Autores

**Domitila Gomes Almenteiro** – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ. Rio de Janeiro, Brasil.

[domitila.amenteiro@fau.ufrj.br](mailto:domitila.amenteiro@fau.ufrj.br)

<https://orcid.org/0000-0003-4570-7969>

**Lucas Yudi Moriya Sampaio** – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ. Rio de Janeiro, Brasil.

[lucas.sampaio@fau.ufrj.br](mailto:lucas.sampaio@fau.ufrj.br)

<https://orcid.org/0000-0002-6300-7766>

**Lorena Maia Resende** – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ. Rio de Janeiro, Brasil.

[lorena.resende@fau.ufrj.br](mailto:lorena.resende@fau.ufrj.br)

<https://orcid.org/0000-0001-9017-1097>

### Nota

A escrita tem origem nos debates promovidos pela disciplina "Projeto e Representação do Ambiente" do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ministrada de forma remota pelas professoras Andrea Queiroz Rego e Aline Pires Veról no segundo trimestre de 2021.

**Data de submissão:** 2025-09-19

**Data de aceitação:** 2026-05-13

**Data de publicação:** 2026-06-30

## Referências

- Adam, R. S. (2008). Analisando o conceito de paisagem urbana de Gordon Cullen. *Revista Da Vinci*, 5(1), 61–68.
- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Argos.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: As consequências humanas*. Jorge Zahar.
- Cullen, G. (1961). *The concise townscape*. The Architectural Press.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). Editora 34.
- Derrida, J. (1994). *Gramatologia* (M. Schnaiderman & R. J. Ribeiro, Trans.). Perspectiva.
- FGV Social. (2021). *CPS a partir dos microdados do Censo 2010*. <https://cps.fgv.br/r-renda-capita-populacao-total-e-favelas-bairros-rio-de-janeiro>.
- Gonçalves, R. S., & Ferreira, C. C. P. (2019). Aspectos urbanísticos da atuação da Cruzada São Sebastião na cidade do Rio de Janeiro. *Sociedade em Debate*, 25(1), 211–223. <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/2090>
- Groat, L., & Wang, D. (2002). *Architectural research methods* (2nd ed.). John Wiley & Sons.
- Haesbaert, R. (2004). *O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Bertrand Brasil.
- Huntington, S. P. (1997). *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. (Trad. de Mônica Stahel). Objetiva.
- Kang, J., & Schulte-Forkamp, B. (Eds.). (2018). *Soundscape and the built environment*. CRC Press.
- Lamas, J. (1993). *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lamounier, A. A., Carvalho, T. C. C., Yamaki, H. T., & Tângari, V. R. (2019). Atmosferas de preferência e paisagens cotidianas: A cidade através de múltiplos sentidos. In *Resensitizing Cities: Urban Ambiances and Senses – Proceedings of the International Conference* (Vol. 1, pp. 491–504). FAU/UFRJ.
- Law, J. (2004). *After method: mess in social science research*. Routledge.
- Lynch, K. (1964). *The image of the city*. MIT Press.
- Macedo, S. (1999). Litoral urbanização: ambientes e seus ecossistemas frágeis. *Paisagem e ambiente*, 12(1), 151–232. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i12p151-232>
- Pallasmaa, J. (2009). *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Artmed Editora.
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (Orgs.). (2009). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Sulina.
- Passos, E., Kastrup, V., & Tedesco, S. (Orgs.). (2014). *Pistas do método da cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum* (Vol. 2). Sulina.
- Radicchi, A. (2017). A Pocket Guide to Soundwalking. Some introductory notes on its origin, established methods and four experimental variations. *Perspectives on Urban Economics*, 68–71. <https://doi.org/10.14279/depositonce-5910>
- Rheingantz, P. A., Azevedo, G. A., Brasileiro, A., Alcantara, D. D., & Queiroz, M. (2009). *Observando a qualidade do lugar: Procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. UFRJ.
- Ribeiro, R. W. (2007). *Paisagem cultural e patrimônio*. IPHAN/COPEDOC.
- Rodrigues, A. (2012). Lagoa Rodrigo de Freitas/RJ: História de uma ocupação desordenada. *Oecologia Australis*, 16(3), 339–352.
- Schafer, R. M. (1993). *The soundscape: Our sonic environment and the tuning of the world*. Simon and Schuster.
- Silva, J. M. P., Manetti, C., & Tângari, V. (2013). Compartimentos e unidades de paisagem: Método de leitura da paisagem aplicado à linha férrea. *Paisagem e Ambiente*, 31(1), 61–80. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i31p61-80>

- Tuan, Y.-F. (1983). *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência* (L. de Oliveira, Trad.). DIFEL.
- Westerkamp, H. (1974). Soundwalking. *Sound Heritage*, 3(4), 18-27.  
[https://ia904707.us.archive.org/17/items/sesion3\\_201702/Westerkamp%20Hildegard%20Soundwalking.pdf](https://ia904707.us.archive.org/17/items/sesion3_201702/Westerkamp%20Hildegard%20Soundwalking.pdf)